

PROPAGANDAS DOS CAMELÔS NUMA CIDADE DO SERTÃO DA BAHIA: LEITURA, INFERÊNCIA E INTERSEÇÕES

Adão Fernandes Lopes¹
Denise Dias de Carvalho Sousa²

Resumo: Este artigo é um recorte da pesquisa *Dialogando com os camelôs no Beco do Paraguai em Jacobina Bahia: Propaganda, inferências e construção de sentidos*, apresentado à disciplina Psicolinguística e o ensino de Língua Portuguesa no curso de Especialização em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV - Jacobina - BA. O objetivo foi perceber como os camelôs se comportavam diante das estratégias de leitura, especificamente, a inferência, mediante as propagandas por eles (não) elaboradas e analisar a construção de sentidos destinada a elas. Dialogamos com os seguintes autores: Kleiman (1993 e 2008), Goodman (1970), Smith (1973, 1978), Silva (2003), Macedo (2000), Sandman (2007) e Madruga (2006). Foi uma pesquisa qualitativa pautada na perspectiva da Etnopesquisa. Utilizamos a entrevista semiestruturada, aplicação de questionário aberto, a observação participante, gravação de áudio, além de anotações no diário de bordo. A opção em trabalhar com a estratégia de leitura inferencial possibilitou materializar as formas de propagandas dos camelôs, visto que são relevantes para a vida profissional. Trouxe como resultados a percepção de uma leitura analítica por parte dos camelôs, em que nos distanciamos das abordagens meramente linguísticas para uma abordagem social, centrada nos pressupostos da Psicolinguística. Enfim, propiciou a instrumentalização para a vida profissional já que os camelôs possuem efetiva participação social nas estratégias de leitura ao venderem seus produtos/mercadorias no comércio informal, mesmo não se dando conta das teorias que estão subjacentes às práticas de leituras e à formação leitora, bem como as propagandas que ali estão subjacentes.

Palavras-chave: Camelôs; construção de sentidos; inferências.

O itinerário da pesquisa e suas interseções...

Sabemos que, atualmente, a concepção de leitura, na maioria das escolas públicas do país e da Bahia, é a de que ela deva ser ensinada na escola, entretanto, mediante nossas experiências como educadores/as, observamos que a leitura não tem ocupado a sua real função, vez que os envolvidos neste processo não têm levado em conta aspectos cognitivos e nem sempre estabelecem vínculo entre texto, autor e leitor. Não atentam, também, para a leitura como compreensão, memória, inferência e pensamento conforme propõem os estudos da Psicolinguística, sem falar no número grande de analfabetos funcionais³, seja pelo reflexo do ambiente onde vivem, pela má (in)formação docente, pela falta de incentivo e/ou ausência de perspectiva e objetivos bem definidos na hora de aplicar as estratégias de leituras.

Como sabemos, o fenômeno da globalização abriu as portas aos mercados por toda a parte, porém, o mesmo não ocorreu em relação às pessoas e a uma parte considerável delas não

¹ Adão Fernandes - Mestre em Educação e Diversidade (MPED), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus IV, Jacobina - BA e docente da Educação Básica nas redes estadual e municipal de ensino em Saúde - BA. E-mail: afelopes@yahoo.com.br.

² Denise Dias de Carvalho - Orientadora no Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), na Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e docente da Educação Básica em Jacobina - BA. E-mail: dediscar@yahoo.com.br.

³ Entende-se, aqui como analfabetismo funcional a incapacidade que uma pessoa demonstra ao não compreender textos simples. Tais pessoas, mesmo capacitadas a decodificar minimamente as letras, geralmente frases, sentenças, textos curtos e os números, não desenvolvem a habilidade de interpretação de textos e de efetivação das operações matemáticas.

podem desfrutar dos bens e serviços a que se tem direito, encontrando-se, assim, cada vez mais marginalizadas. Gomes (2018), na sua música intitulada *camelô*, traz uma analogia a identidades silenciadas, propondo reflexões sobre a vida das pessoas cujo foco concentra-se nas vozes marginalizadas, invisibilizadas ou silenciadas pelos processos de mobilidade histórico-geográfica e econômico-social, seja como consequência direta de tal processo, seja como resultado indireto das dinâmicas a ele relacionadas. Vejamos os versos da canção:

Sou camelô, sou de mercado informal
 Com minha guia sou, profissional
 sou bom rapaz, só não tenho tradição
 em contra partida sou, de boa família.
 olha doutor, podemos rever a situação
 pare a polícia, ela não é a solução, não.
 não sou ninguém, nem tenho pra quem apelar
 só tenho o meu bem que também não é ninguém
 quando a polícia cai em cima de mim
 até parece que sou fera
 quando a polícia cai em cima de mim
 até parece que sou fera
 até parece, até parece...

Diante da letra panfletária do campo baiano Edson gomes, percebemos que o comércio popular costuma ser percebido de maneira negativa dentro do contexto urbano. Entretanto, nem sempre essa ótica se mostra como sendo verdadeira, visto que o comércio popular pode suprir lacunas existentes seja em relação à gama diversificada de produtos a serem oferecidos, seja em razão da oferta de mercadorias ocorrer a preços mais acessíveis a determinadas camadas da população. Desconsiderar esses aspectos é olhar de maneira absoluta e estigmatizante para um comércio que, a despeito de qualquer crítica, vem se mantendo e atendendo a demanda da população, em especial, nas cidades cuja afluência de determinados produtos ainda se mostra ausente ou insuficiente para suprir as necessidades dos cidadãos. Duas vertentes nessa visão sobre a atividade de *camelô* devem ser salientadas, ao observar os papéis exercidos por esses sujeitos no desenvolvimento local. Uma vertente é a integração de um grupo de pessoas, muitas vezes constituído de excluídos ou marginalizados, aos processos econômicos.

Assim, a possibilidade de obter renda através da economia informal tem sido uma das únicas possibilidades a uma gama de indivíduos e que tem contribuído para o aumento nas condições de vida desta parcela da população. Uma outra vertente, mais vinculada à atuação deste grupo, é de inserir uma gama de produtos no mercado local. Produtos esses que, muitas vezes, não são ofertados no mercado formal local. Tem em vista de que a possibilidade de consumo de uma população é um dos fatores de manutenção deste grupo em uma localidade, exercer esse papel de oferta de produtos é algo importante.

Mesmo sendo uma profissão vista por muitos, de forma marginalizada, é notório que os *camelôs* no dia a dia usam estratégias para facilitarem o entendimento e a leitura dos manuais que usam ou que precisam apresentar aos clientes, bem como entender sobre o funcionamento dos produtos, compras e vendas. Isto justifica o nosso interesse por esta temática, uma vez que os *camelôs*⁴ fazem a leitura de forma descontraída mas, ao mesmo tempo dinâmica atendendo aos seus

⁴ Tudo indica que esse estranho apelido nasceu nas ruas da França, no século 12, afirma o etimologista Dionísio da Silva, da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar). Registrado pela primeira vez no século 17, o termo significa “vender quinquilharias ou proceder sem polidez”. Dois séculos depois, a palavra *camelote* foi usada com

objetivos imediatos mesmo tendo dificuldade e pelas limitações de contato com a escola eles demonstram alfabetismo funcional e dominam as atividades comerciais que são dos seus interesses.

Dessa forma, os *camelôs* possuem efetiva participação social na questão da leitura, seja com propagandas, seja com avisos, seja com textos injuntivos, percebemos que muito embora as pratiquem, mesmo não se dando conta dessa teoria, a leitura faz parte do seu cotidiano. Assim sendo, direcionamos o nosso olhar sobre estas práticas leitoras realizadas por eles no mercado informal⁵, no centro da cidade de Jacobina - BA. Esta cidade está localizada na zona fisiográfica do norte baiano, na microrregião homogênea Piemonte da Chapada Diamantina (Circuito Chapada Norte), entre serras, desfiladeiros, e é caracterizado pela caatinga e vegetação típica da região.

Neste contexto, apoiamo-nos nos estudos da Psicolinguística e suas contribuições, tendo em vista se tratar de uma ciência interdisciplinar com a qual dialoga com o nosso objeto de pesquisa, pois o mercado informal, bem como as propagandas encontradas nestes espaços envolvem diversas nuances, conhecimentos da realidade, múltiplos e possíveis sentidos e leituras, tendo muito a nos dizer e a ensinar acerca das propagandas e das práticas leitoras.

Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar como os camelôs se comportam diante das estratégias de leitura, especificamente, a inferência, mediante as propagandas (não) elaboradas por eles, analisando a construção de sentidos destinada a elas. Tomando a estratégia de leitura – inferência, como base, foi feita uma breve análise de como os camelôs realizam suas propagandas no comércio informal de Jacobina - BA e suas implicações no âmbito da leitura.

Com base na investigação realizada no Beco do Paraguai em Jacobina - BA, fizemos este recorte dando ênfase à propaganda⁶ diferentemente de *publicidade*. A saber, de acordo com Sandman (2007), as propagandas acontecem no comércio informal, sem regras fixas, sem pressupostos, sendo a todo momento reinventadas, acontecendo de diversas maneiras: seja com a venda de mercadorias fabricadas em “fundos de quintal” ou produzidas artesanalmente; mercadorias “refugadas” pela indústria ou através de mercadorias de contrabando. Neste tipo de “marketing”, a propaganda se dá de forma mais estreita, simples e direta, e permite o menor preço de venda do produto. Dessa forma, é legitimada pelas classes de menor renda, que conseguem ter poder de compra e passam a consumir mercadorias essenciais, as quais não teriam acesso no mercado formal.

Esse mercado informal se instala na região central da cidade de Jacobina em meados da década de 1990, oferecendo produtos de valores mais acessíveis fazendo uma analogia aos produtos vindos do Paraguai. Nesta época, ainda se misturavam os ambulantes e os camelôs, com a prerrogativa de que os últimos possuíam ponto fixo em várias calçadas da cidade. Em 1995 é que se instalam as primeiras bancas de produtos importados na região, de pessoas que procuravam ali uma nova perspectiva e planos de vida. Alguns dos camelôs que surgiram na mesma época eram provenientes de outras regiões do estado da Bahia, muitos trabalhavam como ambulantes e resolveram se instalar na cidade.

o sentido de “mercadoria grosseira, de acabamento insuficiente”. Da França, o vocábulo cruzou o oceano Atlântico e aportou no Brasil, no início do século 20, onde manteve o sentido depreciativo.

⁵ De acordo com Barbosa e Miotto (2007), o termo informal é utilizado para designar atividades econômicas que se caracterizam de forma geral por: unidades produtivas baseadas no descumprimento de normas e legislação concernentes a contratos, impostos, regulações e benefícios sociais; ocupações sem proteção social, garantias legais e estabilidade, sendo recorrente ainda o fato de serem atividades de baixa produtividade, sem estabilidade, baixos salários, quando não se realizam sem remuneração por ação de familiares e auto emprego.

⁶ Segundo Sandman (2007), no modo de compreender a questão, a propaganda faz uso das técnicas publicitárias com fins político-ideológicos (e vice-versa). Ela pode reforçar uma opinião/atitude ou solicitar uma tomada de posição, por vezes conflituosa. Por sua vez, a publicidade não visa causar nenhum tipo de conflito em seu público, mas apenas o faz acreditar que este mesmo público é autônomo em suas decisões.

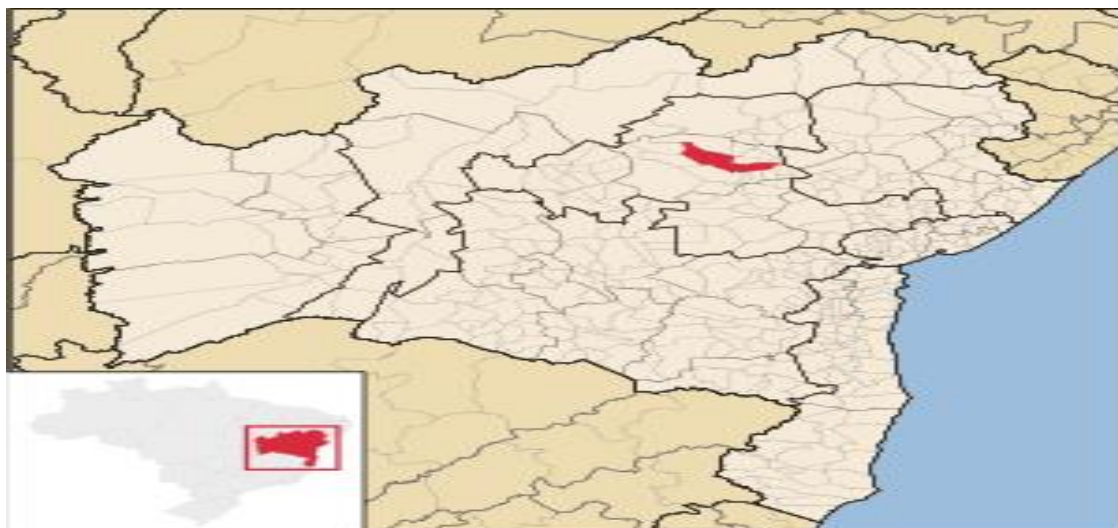


Figura 01 – Localização de Jacobina na Bahia – Fonte: Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacobina>. Acesso em: 10/03/2018.

Com essas primeiras manifestações é que algumas pessoas já residentes na cidade resolveram também se inserir neste mercado, por conta do desemprego e de um número significativo de pessoas que buscavam melhores condições de vida.

O percurso teórico/metodológico

Os estudos sobre leitura vêm sendo dominantes na Psicolinguística e abrangem frequentemente compreensão, processamento e estratégias de leitura (KLEIMAN, 2008). A concepção de leitura é a de processamento cognitivo (GOODMAN, 1991), constituindo-se em procedimentos de natureza ascendente e/ou descendente. O primeiro, caracteriza-se por movimentos das partes para o todo, em que o leitor privilegia a observação das marcas linguísticas do texto. A escolha, pelo leitor, do processamento e das estratégias está associada aos seus conhecimentos prévios, ao seu estilo cognitivo, ao seu objetivo e à natureza do texto (KATO, 1999).

Assim, o professor/pesquisador é peça chave para despertar no aprendiz o gosto pela leitura e também ajudar na redução do insucesso dos leitores. É ele quem “deve propiciar contextos a que o leitor deva recorrer, simultaneamente, a fim de compreendê-lo em diversos níveis de conhecimento, tanto gráficos, como linguísticos, pragmáticos, sociais e culturais” (KLEIMAN, 1993, p. 35).

Além do mais, o desenvolvimento do hábito de leitura ocorre nas séries iniciais e, caso não seja realizado um trabalho consistente de incentivo, aumenta-se gradativamente a dificuldade em entender textos com estrutura e vocabulário mais complexos e elaborados. Bamberger (1991, p. 66) corrobora com essa ideia ao afirmar que “se a criança por volta do 5º ano de escola não for um leitor entusiasta e não tiver criado interesses especiais de leitura, são poucas as esperanças de que a situação venha a se modificar mais tarde”.

Durante o processo de investigação, lançamos mão das entrevistas semiestruturadas com a utilização de um roteiro previamente elaborado, com base nos processos interativos de leitura. É sabido que autores como Goodman (1970), Smith (1973, 1978) e Silva (2003), numa perspectiva da psicolinguística, abrem espaço para estudos dos processos interativos envolvidos na leitura, portanto, compreender melhor os processos subjacentes à leitura e formação do leitor crítico capaz de realizar inferências diante do que lê e perceber a intencionalidade do que o texto fala têm sido objetivos comuns entre os pesquisadores da temática em questão.

Dessa forma, torna-se claro a diversificação dos tipos escritos, quando se aprende a ler e a escrever, os quais são utilizados como meios de aprendizagens e fazem com que os alunos alcancem os objetivos propostos pelo professor. É fundamental que todos os educadores estejam atentos à ideia de que conhecer a natureza do processo de leitura, assim como o processo pelo qual os sentidos de um texto são construídos são indispensáveis para uma aprendizagem efetiva dos seus educandos.

Assumindo-se a importância do processo inferencial, é importante observar que outros fatores influenciam a formação de inferências. A Psicolinguística descreve alguns fatores, como o tipo de texto, o objetivo de leitura e os conhecimentos prévios. Em relação aos objetivos de leitura, Solé (1998) afirma que eles determinam como o leitor se situa perante um texto para que haja uma melhor compreensão. Segundo a autora, parece “haver um acordo geral de que os bons leitores leem textos diferentes de diferentes maneiras, sendo esse fato um indicador da competência leitora, ou seja, da capacidade de se utilizar distintas estratégias em distintas leituras” (SOLÉ, 1998, p. 93-101).

Ao utilizarmos estratégias de leitura na Etnopesquisa, aprendemos a fazer as articulações teóricas e metodológicas, para então nos autorizar a fazer ciência de forma contrária à tradição positivista, entendendo que o dado não é apenas um dado, mas sim uma construção social que, durante o processo da pesquisa, constituiu-se gradativamente a partir do interesse dos sujeitos colaboradores e do pesquisador, buscando estabelecer um ambiente de negociações e acordos para o desenvolvimento do trabalho.

Macedo (2000) apresenta um esforço didático para ressaltar o caminho normalmente trilhado por esse tipo de análise: análise interpretativa dos conteúdos emergentes e interpretações conclusivas. De acordo com Sacramento (2000), na Etnopesquisa Crítica/ Formação, a realidade é um todo integrado e não uma coleção de partes dissociadas e fragmentadas. Por isso, ela é fractal, pois dialeticamente propicia a compreensão dos paradoxos e das ambivalências, possibilita-nos vermos de dentro e não como mero observador distanciado do objeto.

Assim, no itinerário da pesquisa, primeiramente, traçamos um roteiro/mapeamento do local e das atividades que seriam executadas no lócus de pesquisa. Elaboramos um projeto de pesquisa, pois através dele, nos guiamos para irmos à campo. Neste momento, também foram elaboradas as questões que seriam perguntadas aos sujeitos colaboradores. Falamos sobre os objetivos da pesquisa e apresentamos o Termo de Livre Consentimento Esclarecido (TLCE), conforme orientação e exigência do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP).

Em seguida, fizemos as entrevistas acerca de como eles faziam as propagandas dos produtos que comercializavam. Para nossa surpresa, um dos entrevistados confirma que o próprio nome Beco do Paraguai⁷ constitui-se numa grande metáfora da divulgação de que as mercadorias ali encontradas são geralmente de valores menores que as comercializadas no mercado formal, isto por que não são submetidas aos encargos tributários, logo os valores, conseqüentemente, são de baixo poder aquisitivo.

Os tópicos usados no questionário aplicado propunham questões sobre: Como eram realizadas as propagandas; métodos utilizados para divulgar as mercadorias; arrumação das barracas; compreensão acerca do que é propaganda. Enfim, compreender como as propagandas aconteciam naquele comércio informal que, segundo Costa (1987, p. 28), “essa forma de comércio atua, como tradutora entre repertórios e universos ideológicos distintos; ela traz, a partir da própria mercadoria veiculada, a informação ideológica do consumo dominante, inacessível a determinada fração da sociedade”.

⁷ Termo conhecido popularmente pelos moradores e visitantes na zona comercial situada no centro da cidade de Jacobina, na Bahia. É uma forma conhecida por ser um lugar em que se comercializam mercadorias por valores populares.

Na coleta de dados, atuamos como observadores participantes fazendo as entrevistas, aplicando os questionários, usando recursos técnicos como gravação de áudio, anotações no diário de bordo e uso de fotografias, para perceber e analisar como a arrumação e a disposição das barracas contribuíam para/na realização das propagandas, bem como os recursos do celular com internet móvel para avisar aos clientes acerca das mercadorias.

Portanto, delineamos a pesquisa seguindo um enfoque descritivo/analítico sem perder de vista a estratégia de leitura – inferência – na tentativa de construirmos um paralelo entre o que sabiam, liam e construíam sentidos mediante os instrumentos de coleta de dados aplicados. Dialogamos com os camelôs de acordo com a visão de Kleiman (1993), quando ela nos alerta que a escola não está vencendo o desafio de alfabetizar funcionalmente a parcela da população que consegue chegar a ela, visto que ostentam vários anos de escolarização e esta não está dando uma contribuição à solução do problema.

A importância da inferência para compreensão de sentidos

A inferência é o resultado de um processo cognitivo por meio do qual uma assertiva é feita a respeito de algo desconhecido, tendo como base uma observação. No dia a dia, é possível, por exemplo, inferir a riqueza de uma pessoa pela observação do seu modo de vida, a gravidade de um acidente de trânsito pelo estado dos veículos envolvidos e o sabor de um alimento pelo seu aroma. Conforme Dell'Isola (2001), a inferência revela-se como uma conclusão de um raciocínio, uma expectativa, fundamentada em um indício, uma circunstância ou uma pista.

Assim, fundamentando-se em uma observação ou em uma proposição são estabelecidas algumas relações – evidentes ou prováveis – e chega-se a uma conclusão decorrente do que se captou ou julgou. Segundo Cursino-Guimaraes e Dell'Isola (2014), a concepção de que a inferência representa uma ligação entre duas ideias é assumida desde a Antiguidade. Esse termo vem do latim medieval *inferre* e designa o fato de duas proposições se interligarem, sendo que, nessa conexão, a antecedente implica a conseqüente. Inferir é uma atividade associativa que pressupõe uma ordem, uma sequência entre as proposições.

Na leitura de um texto, o resultado da compreensão depende da qualidade das inferências geradas. Os textos possuem informações explícitas e implícitas; existem sempre lacunas a serem preenchidas. O leitor infere ao associar as informações explícitas aos seus conhecimentos prévios e, a partir daí, gera sentido para o que está, de algum modo, informado pelo texto ou através dele. A informação fornecida direta ou indiretamente é uma pista que ativa uma operação de construção de sentido. Portanto, ao contrário do que muitos acreditam, a inferência não está no texto, mas na leitura, e vai sendo construída à medida que leitores vão interagindo com a escrita (CURSINO-GUIMARAES & DELL'ISOLA, 2014)

Dessa forma, as ideias, impressões e conhecimentos arquivados na memória dos indivíduos têm relação direta com a capacidade de inferir: quanto maior a quantidade de informações arquivadas, mais apta a pessoa está para compreender um texto. Assim, os conhecimentos adquiridos, as experiências vividas, tudo o que está registrado em sua mente contribui para o preenchimento das lacunas textuais.

Conseqüentemente, considerando o que afirma Dell'Isola (2001), nem sempre a inferência gerada conduz a uma compreensão adequada, uma vez que são muitos os elementos envolvidos nessa complexa rede e variadas são as possibilidades cognitivas de se lidar com as informações, sendo importante, desde a alfabetização, a mediação do professor. Promover a antecipação ou predição de informações, acionar conhecimentos prévios e verificar hipóteses são algumas das estratégias que podem ser trabalhadas como os alunos para que eles tenham boa compreensão leitora.

Enfim, o ato de inferir é ir além daquilo que o texto apresenta. É interpretar de forma lógica e objetiva, buscando informações que complementam a leitura. Para se compreender um texto, é preciso fazer inferências, ou seja, é preciso que o leitor complete o texto com informações que não estão explícitas no texto. Inferências vão além de quando o leitor estabelece ligações entre as palavras e interpreta o texto. Ocorrem, também, quando o leitor busca, fora do texto, informações e conhecimentos adquiridos pela sua experiência de vida, com os quais preenche os “vazios” textuais. Diante disto, o próximo passo será o de apresentar os resultados e discussão sobre os dados e informações geradas no âmbito da pesquisa.

Analisando os dados e construindo sentidos

Ao andarmos pelo centro de Jacobina, percebemos a diversidade que se apresenta na atividade do camelô. São vendidas mercadorias de todos os tipos, desde o artesanato aos eletrônicos, havendo, também, produtos que suprem as necessidades momentâneas, como por exemplo, a presença de vendedores de guarda-chuvas em dias chuvosos etc. Há também uma grande diversidade de trabalhadores do comércio informal; pessoas jovens, idosas; homens, mulheres; brancos, negros; desempregados, aposentados, autônomos, entre tantas outras diferenças que podem surgir.

A propósito dos instrumentos de pesquisa supracitados, pautamos a investigação tendo como foco a(s) propaganda(s), a fim de relacionarmos as contribuições da Psicolinguística aos estudos cognitivos/interativos envolvidos na aprendizagem da leitura inferencial⁸ que, com base nas entrevistas, foram articulados aos diferentes aportes teóricos e à prática vivenciada pelos camelôs⁹.

Dos seis entrevistados, foi unânime a resposta que “[...] *a propaganda era importante para o comércio informal*”. [...] “*O período de vendas geralmente que dão mais lucros são durante épocas festivas*”¹⁰. Pelos perfis, podemos perceber que eles entendem, razoavelmente, de economia; realizam cálculos mentais e acreditam que vendem mais quando fazem divulgação dos seus produtos através de mensagens via aparelho celular móvel.

Mesmo que à margem da legalidade e da formalidade, o comércio de camelôs tem contribuído com a disseminação de uma série de produtos que, com maior ou menor importância, vem possibilitando um nível significativo de consumo, assim como o acesso de um número de pessoas a produtos que antes não eram acessíveis.

Segundo Madruga (2006), as inferências são o núcleo do processo de compreensão e de comunicação humana, servindo para unir a informação nova a um todo relacionado. Ou seja, por meio delas o indivíduo consegue interligar o input recebido nas inúmeras situações de sua vida com a informação trazida pelo texto, gerando um novo conhecimento e, este, por sua vez, irá interferir novamente na aquisição de novas experiências, como em uma cadeia. Entendendo esse processo, é possível perceber por que leitores mais experientes conseguem fazer reflexões mais profundas em suas leituras, enquanto os menos experientes, muitas vezes, não conseguem compreender um texto em sua totalidade, pois a compreensão está intimamente relacionada com o acúmulo de experiências (na memória), que refletirão diretamente na capacidade de fazer inferências.

⁸ A geração de inferências é um processo fundamental para a leitura. Quem não faz inferências não lê. Para se compreender um texto, é preciso fazer inferências, ou seja, é preciso que o leitor complete o texto com informações que não estão explícitas nele.

⁹ Para efeito de análise e discussão, denominamos de camelô 1, 2 e 3 os sujeitos colaboradores/as desta pesquisa. Eles são vendedores que ocupam aquele espaço há mais de quinze anos, possuem o ensino fundamental completo.

¹⁰ Optamos, nas transcrições, garantir a fala dos camelôs, não ajustando-a à norma escrita culta da língua padrão. Ver orientações metodológicas em: Marcuschi (1997).

Por isso, para Madruga, o conceito de inferência é visto como um processo de recuperação da informação na memória de longo prazo e como um processo de geração de novos conhecimentos os quais irão, posteriormente, para a memória de longo prazo. Na fala do camelô 1, quando perguntado acerca dos instrumentos usados para fazerem as propagandas, este disse: “[...] *não fazemos propagandas*”... Não obstante, observamos com perplexidade que tal afirmação não correspondia àquela respondida por esta camelô, pois em um dado momento, quando chegou um cliente, ela disse: “[...] *vai chegar outros dvds, é de boa qualidade... eu tenho seu telefone, eu ligo pra você*”. Então, a propaganda existe realmente, mas é realizada de maneira informal, imperceptível na interpretação da camelô.

Constatamos que, na visão da camelô, as propagandas são aquelas realizadas por rádios, tevê, carro de som, dentre outros meios de comunicação. Entretanto, o camelô 2 afirmou ser “[...] *o boca-a-boca o maior veículo de divulgação dos seus produtos no beco do Paraguai*”. Segundo Madruga (2006), as inferências são o núcleo do processo de compreensão e de comunicação humana, servindo para unir a informação nova a um todo relacionado. Nessa perspectiva, para a compreensão é preciso mais do que o texto em si.

Outra discussão interessante de Madruga (2006) diz respeito às teorias sobre a realização de inferências que, nas últimas décadas, geraram algum tipo de polêmica: a teoria minimalista e a teoria construtivista. Essas duas visões divergem acerca do momento em que se geram os diversos tipos de inferências. Segundo o autor, a primeira teoria centra-se na distinção entre inferências automáticas e estratégicas, estas últimas controladas pelos objetivos do leitor. As inferências automáticas estão disponíveis na coerência local (através das conexões do texto). A segunda teoria defende que, além das inferências depreendidas pelas conexões do texto, geram-se inferências globais a partir do modelo mental cujos leitores constroem quando compreendem um texto.

Nessa perspectiva, para a compreensão, é preciso mais do que o texto em si. De acordo com os aspectos discutidos até aqui, verifica-se que a inferência é importantíssima no processo de leitura e, como mencionado anteriormente, as interpretações de mundo possíveis estão diretamente ligadas ao que o leitor infere durante a leitura. No entanto, faz-se necessário evidenciar que a estratégia inferencial não ocorre sozinha, estando diretamente envolvida com a predição e com a quantidade de esquemas mentais disponíveis no leitor, sendo impossível separar essas noções.

Dessa forma, verifica-se que a inferência é importantíssima no processo de leitura e, como mencionado anteriormente, as interpretações de mundo possíveis estão diretamente ligadas ao que o leitor infere durante a leitura. Na visão do camelô 3, fazer propaganda é muito dispendioso e por conta disso, deixa-nos um alerta sobre a crise pela qual o país está passando: “[...] *Não fazemos propagandas em rádio e tv por que é muito caro e dinheiro está muito difícil*”, e logo em seguida, diz: “[...] *ei leve três e pague um... compramos com base no dólar, o real está difícil*”, demonstrando sua estratégia de venda e como dribla a falta de recurso para investimento em outros canais de comunicação.

Neste processo de venda, que atrai clientes de todas as camadas sociais, é possível perceber que leitores mais “experientes” conseguem fazer reflexões mais profundas em suas leituras, enquanto os “menos experientes”, muitas vezes, não conseguem compreender um texto em sua totalidade. Assim, vende mais quem aposta no poder de persuasão e tem uma visão de leitura mais ampliada do processo no qual está inserido, a fim de convencer os consumidores a comprarem suas mercadorias.

Dessa forma, o processo argumentativo requer habilidade verbal muito concisa, além da capacidade de lidar com as lógicas verbais, e a visão ampla do processo requer um conhecimento prévio de mundo. Vale lembrar também que é possível argumentar falaciosamente, alcançando os objetivos estipulados. Na verdade, o que é argumentar? Argumentar está relacionado com as ideias, crenças, posturas diante da vida social. A

linguagem verbal e escrita procura convencer o leitor através dos processos argumentativos. É sempre possível que o leitor ao analisar os textos aceitando ou não os argumentos desenvolvidos pelo autor. A aceitação ou não leva o leitor a construir um sentido que passa a fazer parte de seu universo cultural. E para uma leitura mais alargada, exige-se um leitor mais atuante.

Assim, o sujeito leitor, nesse contexto, deixa de ser passivo, pois reconstrói a significação do texto a partir do reconhecimento de outros textos. Assim, podemos afirmar que ler não é uma atividade meramente subjetiva, pelo contrário, é uma situação dialógica entre textos, discursos e sujeitos, como confirma Lajolo (1988, p. 59),

ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir de um texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos, para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Segundo Campos (2009), as inferências decorrem desses processos inferenciais que constroem o sentido das proposições e suas relações que provêm de implicaturas, podendo ser convencionais, quando presas ao significado convencional das palavras e conversacionais, quando não dependem da significação usual, sendo determinadas por certos princípios básicos do ato comunicativo.

Nesse sentido, percebemos a relevância das experiências significativas na construção das inferências como fator que facilita a compreensão. Através dessa prática reflexiva, verificamos que as variáveis idade e escolaridade implicam diretamente a quantidade e a profundidade das inferências trazidas ao texto no momento da compreensão, podendo ser analisadas com maior facilidade no momento de fazer inferências durante a compreensão leitora.

Considerações finais

Constatamos mediante esta pesquisa, que os camelôs do Beco do Paraguai fazem parte de uma rede, uma cadeia produtiva, que vai além das fronteiras regionais, e que estes trabalhadores representam a conexão final entre alguns tipos de mercadorias e os consumidores. Após as mercadorias percorrerem um longo caminho e passarem por várias mãos, chegam às barracas, onde serão adquiridas por muitos consumidores. Apesar de, atualmente, muitas lojas venderem o mesmo tipo de mercadorias, é nas calçadas que elas ganham destaque, interrompendo os passos do consumidor que por ali circula. E chegam às mãos de muitos deles, principalmente aqueles que não teriam acesso a tais mercadorias nas lojas, por serem consumidores de baixa renda.

A recente “guerra” dos camelôs e a luta que travam contra o poder público para garantir a subsistência é mais um exemplo da cruel situação política e econômica do país. O que vemos é a fratura exposta de um Estado que não consegue resolver os problemas sociais. Os camelôs ainda sobrevivem como vendedores ambulantes correndo pelas esquinas, trazendo pequenos embrulhos de engenhocas contrabandeadas ou mesmo de produtos nacionais que revenderem para sobreviver com pequenos lucros.

É necessário que camelôs sejam orientados a procurar sindicatos e centrais para receber instruções a fim de fundar o seu próprio sindicato. Assim se criariam lideranças capazes de um diálogo permanente com as autoridades públicas dos três poderes. Seria uma poderosa ferramenta para ajudar nas providências e dificuldades que cotidianamente surgem na vida comunitária. Realmente, o Código de Posturas restringe a presença de ambulantes nas ruas.

Mas há um princípio muito maior do que as leis, que está cravado com toda evidência no art. 1º, II, e III, da Constituição brasileira: a cidadania e a dignidade da pessoa humana.

O estudo mostrou que é necessária a busca constante de aprofundamentos acerca da leitura, para que se possa, efetivamente, “construir” leitores conscientes de seu papel na sociedade e da leitura como um meio de inclusão cidadã e de emancipação dos indivíduos. Pois, só quando a leitura faz sentido para o indivíduo é que se apreende os significados dos signos impressos em uma folha de papel, revista, livro ou nas telas de um computador. É, portanto, o sentido atribuído pelo leitor ao texto que irá constituir a significação para a vida deste.

O certo é que o processo inferencial ocorre com grande dinamismo e conduz o leitor a organizar constantemente as informações para processar e compreender o que lê. Esse processo pode ser ensinado por meio de estratégias que conduzem à explicitação dos implícitos, ao preenchimento de lacunas com informações que emergem com base em pistas textuais associadas ao conhecimento de mundo que tais pistas requisitam e, além disso, à exclusão ou confirmação de hipóteses cuja pertinência depende de comprovação. A informação inferida não está no texto, mas só pode ser acessada por meio dele.

Outrossim, a quantidade de participantes desta pesquisa não possui um peso relativo capaz de generalizar seus resultados; no entanto, este trabalho objetivou apenas uma pequena amostragem do quanto os conhecimentos inferenciais que se adquirem no decorrer da comercialização dos produtos podem interferir na compreensão leitora e no processo de vida dos camelôs.

Referências

BAMBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. São Paulo: Ática, Unesco, 1991.

BARBOSA, R. K.; MIOTO, B. O Desenvolvimento Local em Perspectiva: Explorando alguns ângulos do debate. In: VI SEMANA DE ENSINO E PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2007, Florianópolis. *Anais...* Santa Catarina, 2007.

COSTA, Elizabeth Goldfarb. *Anel, cordão, perfume barato: uma leitura do espaço do comércio ambulante na cidade de São Paulo*: Nova Stella/ EDUSP, 1989.

CAMPOS, Jorge (Org.). *Inferências linguísticas nas interfaces* – CD-ROM [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

CURSINO-GUIMARAES, S.; DELL’ISOLA, R. *Repensando a inferência*. Belo Horizonte: PUC – MG, 2014.

DELL’ISOLA, R. Lúcia Péret. *Leitura: Inferência e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Saraiva, 2001.

GOMES, Edson. *Camelô*. Disponível em: www.vagalume.com.br/edson-gomes/camelos.html. Acesso em: 28 jun. 2018.

GOODMAN, K. S. Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional. *Letras de Hoje*, n. 86, p. 9-43. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez. 1991.

KATO, Mary. *Aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes. 1999.

KLEIMAN, Ângela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes, 1993.

_____. *Leitura: ensino e pesquisa*. Campinas: Pontes, 2008.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 1988.

MACEDO, Roberto Sidnei. *A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação*. Salvador: UFBA, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da conversação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1997.

PEREIRA, Vera Wannmacher. Predição Leitora e Inferência. In: CAMPOS, Jorge. *Inferências linguísticas nas interfaces*. Porto Alegre, EDIPUCRS. p. 10-22, 2009. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/edipucrs/inferencias.pdf>>. Acesso em: outubro de 2010.

SACRAMENTO, Maria da Conceição Alves Ferreira do. A teoria dos fractais e etnopesquisa/formação de professores: uma articulação possível? *Revista da FAEEDBA*, Salvador, a. 9, n. 14, p. 99-104, jul./ dez. 2000.

SANDMAN, Antônio. *A linguagem da propaganda*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2007.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. *Um diálogo sobre o ensino e o aprendizado da leitura*. Jacobina: FACED/UFBA. Programa de Pós-Graduação. Linha de Filosofia da Linguagem, práxis pedagógica. Outubro, 2003.